

Que horas ela volta? Uma análise fílmica sobre as representações sociais e a construção social da realidade

AMANDA FONTES SILVA

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

MARCELLA BARBOSA MIRANDA TEIXEIRA

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

RITA DE CÁSSIA LEAL CAMPOS

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

LILIAN BAMBIRRA DE ASSIS

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecimento à FAPEMIG

Que horas ela volta? Uma análise fílmica sobre as representações sociais e a construção social da realidade

INTRODUÇÃO

De forma geral, somos sujeitos que têm a necessidade de conhecer o mundo à nossa volta, para nos ajustarmos a ele e para sabermos como nos comportar nas diferentes situações do dia a dia. Essa construção do conhecimento perpassa pelas relações que estabelecemos diariamente com os outros indivíduos e grupos sociais, seja por meio de conversas, negociações ou ações que empreendemos (PACHECO, 2011).

Para Jodelet (1989), é a partir dessa necessidade de tornar o não-familiar em familiar que criamos representações de inúmeros objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias que nos cercam. Segundo a autora, o caráter social das representações nos serve de apoio, às vezes de forma convergente, outra pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. As representações sociais também englobam a identidade dos grupos, sendo abordada por Abric (1998) como detentoras de um papel importante no controle social exercido pelas coletividades sobre cada um de seus membros, em especial nos processos de socialização.

Com base nessas abordagens, o presente estudo tem como objetivo analisar as representações sociais e as socializações da empregada doméstica brasileira com base no filme *Que horas ela volta?*. Por meio da metodologia de análise fílmica, realizou-se uma reflexão à luz dos conceitos das Representações Sociais e da Construção Social da Realidade, sustentados por Moscovici e por Berger e Luckmann, respectivamente. Para a análise, foram criadas duas categorias: conflitos de classe e relações familiares.

O conceito de representação social trazido por Moscovici em 1961 está relacionado a um conjunto de valores, ideias e ações partilhadas, permitindo a determinação de uma ordem que instrui os indivíduos a se guiarem no seu mundo material e administrá-lo. De acordo com o autor, essa teoria tem como proposta dar importância ao cotidiano e aos indivíduos comuns e o conhecimento produzido por estes (MOSCOVICI, 1961/2012).

Já o conceito de construção social da realidade formado por Berger e Luckmann (2004), procura compreender a realidade humana a partir de conceitos construídos socialmente, realizando uma análise sociológica da realidade da vida cotidiana, que é a realidade do senso comum, interpretada pelos indivíduos e dotada de sentidos subjetivos e sistemas simbólicos. Para verificar a possibilidade de associar os dois conceitos essenciais às reflexões deste artigo, é necessário realizar pesquisas que revelem possibilidades de aprofundamento desses temas.

Dessa forma, a escolha dos conceitos para realizar a análise fílmica se deu a partir das contribuições que autores trouxeram em seus trabalhos no que tange a uma melhor compreensão da sociedade e pela sua aplicabilidade para temas cotidianos, questão também tratada na obra cinematográfica selecionada. Leva-se então em consideração a visão de Vanoye e Galiot-Lété (1994) de que o conteúdo dos filmes possui um papel dentro da sociedade de refletir ou rejeitar a realidade, a pesquisa proposta é considerada relevante.

Outro ponto importante é o número de estudos que utilizam o filme *Que horas ela volta?* como objeto de análise, tendo sido encontrado apenas dois. O primeiro estudo de Almeida, Alves e Silva (2016) realizou a análise fílmica pela perspectiva demográfica; já o segundo estudo de Pereira Neto e Adoue (2016) compara a obra com o clipe *Boa Esperança*, interpretando o papel e os significados da tomada de consciência e da ação transformadora e a compreensão das manifestações da luta de classes. Assim, esta pesquisa inédita contribui para o entendimento das representações sociais e das socializações da empregada doméstica brasileira.

Para o cumprimento do objetivo proposto, este estudo se inicia a partir do referencial teórico e o levantamento dos conceitos sobre as representações sociais e a construção social da realidade, seguida da metodologia utilizada. Posteriormente, é apresentada uma breve resenha do filme e uma análise das cenas específicas baseada nas elucubrações acerca das teorias abordadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica que sustentará este artigo aborda sobre a Teoria das Representações Sociais e sobre a Construção Social da Realidade. A Teoria das Representações sociais teve sua definição construída por Moscovici (1961/2012) após uma interpretação dos estudos de Durkheim e buscou compreender a realidade e como ela é construída através das representações e dos sujeitos. As concepções da Construção Social da Realidade abordam alguns aspectos da sociedade, como, por exemplo, a subjetividade e a formação de significados e foram desenvolvidas por Berger e Luckmann, em 1966.

Teoria das representações sociais

O conceito de representação social se originou no início da década de 1960 a partir da releitura realizada por Moscovici dos estudos de Durkheim sobre representações coletivas de 1898, indo contra o caráter estático e estável dessas representações (OLIVEIRA, 2004). Em concordância, Arruda (2002) aponta que as representações coletivas em Durkheim apresentavam, além de razoável estabilidade, relativo estancamento no que diz respeito às representações individuais, o que configura algo semelhante ao *groupmind* de que fala Moscovici. Essas representações consistiam em um “guarda-chuva” que abrigava crenças, mitos, imagens, idioma, direito, religião e tradições (ARRUDA, 2002).

A noção de representação social foi restaurada por Moscovici (1961/2012) em sua tese de doutorado intitulada: “*La Psychanalyse: Son image et son public*”, retoma a discussão da relação entre linguagem e representação para a psicologia (FERREIRA; CAMINHA, 2013). Da mesma forma que Durkheim, Moscovici tratava do social. Entretanto, o autor procurou estudar a maneira como a realidade é formada por meio das representações e dos sujeitos sociais (HERZLICH, 1991).

Para Moscovici (2003), a representação trata-se da compreensão da inovação em detrimento da tradição, do conhecimento não de uma vida social já feita, mas em via de fazer. Isso quer dizer que as representações são estruturas dinâmicas de um conjunto de relações – individuais e

coletivas – e comportamentos – sociais e psicológicos – que aparecem e somem da sociedade. Nessa mesma perspectiva, González Rey (2003, p. 130) assume que a representação social é uma “produção subjetiva sobre uma realidade social”, ou seja, essa representação aborda o senso comum e seus fatos e conhecimentos diários, transformando-os em ações e práticas sociais (GOODWIN *et al.*, 2004). Jodelet (1989, p. 43) conceitua a representação social como uma “forma de conhecimento prático [*savoir*] que conecta um sujeito e um objeto”.

Sêga (2000) compreende que a representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade. Além disso, o autor afirma que toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém, sendo a representação o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. Farr (1994) afirma que as representações constituem uma forma sociológica de psicologia social que enfatiza o estudo das relações intergrupais em uma abordagem cultural e societal dos processos sócio psicológicos.

Reforçando a importância desse estudo sob o olhar da psicologia social, Mendonça e Lima (2014) entendem que a mesma tem domínio privilegiado sobre o estudo da interação do sujeito com o meio em que está inserido. Os autores destacam a formação do conhecimento socialmente compartilhado, desde os conteúdos de representações sociais mais explícitos até os menos acessíveis, levando em consideração a relação com atitudes e estereótipos no processo de formação do pensamento social.

Entretanto, as representações não se reduzem a tais elementos. Uma vez construídas e compartilhadas socialmente, colaboram com a criação de uma realidade comum que possibilita a comunicação. Os indivíduos desenvolvem representações porque têm a necessidade de se relacionar com o mundo e com as pessoas com quem o partilham. Nesse sentido, são importantes por oferecerem maneiras de compreender o mundo e saber gerenciá-lo, servindo de guias para a definição de diferentes aspectos da realidade (JODELET, 1989). Para Moscovici (2003, p.43) “quando estudamos representações sociais nós estudamos o ser humano, enquanto ele faz perguntas e procura respostas ou pensa e não enquanto ele processa informações, ou se comporta. Mais precisamente, enquanto seu objetivo não é comportar-se, mas compreender”.

Spink (1993) aborda duas perspectivas relevantes acerca do estudo das representações sociais. A primeira trata do posicionamento quanto à relação indivíduo-sociedade, que se distancia tanto do determinismo social – que enxerga o homem como produto da sociedade – quanto do voluntarismo puro, que considera o sujeito como agente livre. Fala-se então em um posicionamento mais globalizado, que, de forma simultânea, posicione o homem no processo histórico e dê espaço às forças criativas da subjetividade. O segundo aspecto levanta a questão do afeto, já que a subjetividade é trazida à tona. Por este ponto de vista, ressalta-se que as representações não são simples expressões cognitivas, mas são mediadas também pelo afeto.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) pensada por Moscovici visa analisar fenômenos da natureza humana, por meio de uma perspectiva social, valorizando os atos individuais na construção social de uma realidade. O autor relata sobre as relações simbólicas realizadas nas atividades humanas e como elas influenciam a cultura, considerada como conhecimento partilhado. Essa teoria é marcada com a ruptura do individualismo teórico, pensando o sujeito e suas ações relacionadas com a sociedade.

Concomitante com essa ideia percebe-se que o indivíduo, parte de um grupo, contribui para as representações que esse grupo realiza, porém, não é o indivíduo sozinho, mas sim, o grupo que concebe seu sistema simbólico. Dessa maneira, as representações sociais “capacitam as pessoas a compartilharem um estoque implícito de imagens e de ideias que são consideradas certas e mutuamente aceitas” (MOSCOVICI, 2003, p. 47). O autor ainda afirma que, ao pensarem por si mesmos, as pessoas e grupos adquirem uma característica que se distancia muito de serem receptores passivos. A justificativa para tanto está na produção e comunicação habitual dos mesmos quanto suas próprias e específicas representações e nas soluções encontradas em questões colocadas por eles.

Assim, a Teoria das Representações Sociais parte do princípio de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar: a consensual e a científica. Cada uma possui um propósito distinto, porém de fundamental importância para a vida humana. O universo consensual é aquele concebido a partir da conversação informal na vida cotidiana, ao passo que o espaço científico é construído com base em análises e experimentações (ZAGO, 2013). As representações sociais configuram-se ainda como sistemas de valores ideais e práticas que possuem duas funções: definir uma ordem que norteia o indivíduo em seu mundo material e social; e permitir a comunicação entre os membros da comunidade por meio do fornecimento de códigos para o intercâmbio social e a compreensão dos vários aspectos da história individual e do grupo (MOSCOVICI, 1973).

A formação das representações sociais se dá frequentemente na esfera consensual, pois a preocupação está fundamentalmente ligada ao estudo da inter-relação entre o sujeito e o objeto na construção simultânea do conhecimento individual e coletivo (MOSCOVICI, 1988). Em outras palavras, os princípios das representações sociais estão respaldados em um conhecimento de senso comum, interpretando e construindo as realidades sociais. De acordo com Guareschi e Jovchelovitch (1995) a TRS esclarece sobre a relação indivíduo e sociedade, direcionando a uma ruptura com o individualismo teórico. Assim, a TRS resgata a conduta ativa que o sujeito possui na dinâmica social (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995).

Partindo do pressuposto de que as representações sociais são a realidade social, Braga e Cirino (2015) apontam a possibilidade de haver um diálogo entre as considerações de Moscovici e com as pesquisas de Berger e Luckmann, que abordam sobre a Construção Social da Realidade. Os autores concordam que representações e realidade são construídas socialmente, baseadas nas experiências dos grupos sociais. Ainda ressaltam que muitas destas representações e a noção de realidade já estão internalizadas quando os sujeitos nascem sendo assim repassadas a eles de forma legitimada. Dessa forma, no próximo tópico serão apresentados o conceito e as características da teoria da Construção Social da Realidade pensada por Berger e Luckmann em 1966.

Construção Social da Realidade

Berger e Luckmann trazem em 1966 o conceito da Construção Social da Realidade, tratando da Sociologia do Conhecimento, com base em Émile Durkheim e Theodore Schultz, buscando compreender a realidade humana a partir de conceitos construídos socialmente. Os autores fazem uma análise sociológica da realidade da vida cotidiana que, segundo eles, é a realidade do senso

comum, interpretada pelos indivíduos e dotada de sentidos subjetivos e sistemas simbólicos, formando um mundo coerente (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Almeida (2005) afirma que os indivíduos possuem um papel ativo na sociedade no processo de elaboração da conduta humana. A partir de experiências, desejos, aspirações e motivações, os agentes constroem sistemas simbólicos que têm a função de atribuir valor, classificar e modelar comportamentos, sejam eles individuais ou coletivos. Sendo assim, os sujeitos desenvolvem e atestam seus papéis sociais e suas representações como parte de um fato social. Essa forma de legitimação do indivíduo é percebida em diversas esferas da sociedade e por meio das imposições acordadas informalmente na sociedade que definem a forma de agir de uma pessoa.

Neste sentido, Berger e Luckmann (2004, p.36) afirmam que “o mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns”. Em outras palavras, a vida cotidiana é considerada como uma realidade que tem sentido para as pessoas e que forma um mundo coerente. Ainda segundo os autores, os homens comuns entendem essa realidade como real.

De acordo com Sá (2004), uma realidade social é construída a partir do momento que algo novo ou não familiar é incorporado aos universos consensuais. Ao percorrer esse processo de transformação e interiorização, ele perde a novidade e passa a ser familiar, tornando-se socialmente conhecido e real. Isso quer dizer que a realidade é construída por meio de um processo socialmente determinado e intersubjetivamente constituído.

Dessa forma, os indivíduos transformam e são transformados pela sua realidade social em suas relações interpessoais (BERGER; LUCKMANN, 1987). Os autores nomeiam esse processo de socialização, na qual o indivíduo passa a se inserir na sociedade e a formar sua identidade:

Na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual ele é introduzido a tomar parte na dialética da sociedade. O ponto inicial deste processo é a interiorização, ou seja, a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 174).

Nessa perspectiva, Jahoda (1996, p. 710) conceitua a socialização como os “processos pelos quais os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamentos, normas, regras e valores do seu mundo social”. Para Berger e Luckman (2004), a sociedade é formada por uma realidade tanto objetiva quanto subjetiva, em que o indivíduo não nasce membro da sociedade, mas com a predisposição para a sociabilidade. Isso quer dizer que são necessários autores da socialização para integrá-lo como membro da sociedade. Essa integração ocorre em duas fases ao longo da vida.

A primeira fase é a socialização primária, que corresponde ao primeiro contato que o indivíduo possui, ou seja, as referências iniciais pela interação com pais e parentes mais próximos. Essa socialização busca compreender a maneira como um indivíduo reage diante de determinadas situações e como esses acontecimentos estão relacionados ao processo de construção de uma identidade. Os autores ainda utilizam do termo "interiorização" para embasar a socialização

primária de um ser, termo esse empregado de maneira subjacente não somente na significação, mas também às formas mais complexas. A partir desse ponto, Berger e Luckman (2004) definem a interiorização de forma mais precisa, sendo tratada por eles em primeiro lugar como a base da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, a apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.

Contudo, a possibilidade de realizar tal definição acerca da participação do indivíduo na sociedade não significa que ele não esteja passível de interpretações distintas ou incorretas diante de um acontecimento. Essas interpretações são fortemente influenciadas pelas histórias de vida de cada um, ou seja, uma pessoa dá um significado a algo de acordo com seu conhecimento de mundo. Sendo assim, ao compartilharmos dessas visões de mundo do outro, passando também a ter acesso à sua subjetividade. Berger e Luckman (2004) reconhecem que é preciso primeiramente uma compreensão dos nossos semelhantes para, só assim, realizar uma apreensão do mundo a fim de julgar a realidade social como provida de algum sentido. Os autores abordam ainda que, na forma complexa da interiorização, o indivíduo não apenas compreende os processos subjetivos momentâneos do outro, como também compreende o mundo em que vive, tornando-o seu próprio mundo.

A segunda fase é a socialização secundária que é subsequente à socialização primária. Essa socialização se caracteriza pela aquisição de conhecimentos por meio de novos espaços de interação por diferentes fases da vida, como escola, universidade, trabalho e outros. Berger e Luckmann (2004) explicam que essa socialização envolve a interiorização de submundos específicos em que o sujeito está inserido na sociedade. É nessa socialização que o sujeito vai alcançar os conhecimentos necessários para o cumprimento do seu papel na sociedade. Segundo os autores, há um problema fundamental nessa socialização dada pela sobreposição da socialização primária pela secundária, já que existe a tendência de persistir a realidade primária interiorizada, pois a personalidade já está formada e o mundo já interiorizado. Assim, para que a socialização secundária exista, essa deve ser maior que os conteúdos já primitivamente interiorizados. Os mesmos autores explicam que esse problema pode ser mais ou menos difícil de resolver de acordo com o caso.

METODOLOGIA

Conforme Vanoye e Galiot-Lété (1994), a análise fílmica, método utilizado para atingir o objetivo desta pesquisa, é feita por meio da decomposição dos elementos constitutivos do texto. Os autores ainda afirmam que a metodologia da análise fílmica está associada à desfragmentação e ao desmonte da obra pesquisada, seguido pela junção das partes separadas para a realização da análise. Dessa forma, aplicar tal método é “despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar matérias que não percebem isoladamente ‘a olho nu’, pois se é tomado pela totalidade” (VANOYE; GALIOT-LÉTÉ, 1994, p. 15).

A essa parte de desconstrução de um texto fílmico e a obtenção de conjuntos de elementos distintos do próprio filme é tratado por Vanoye e Galiot-Lété (1994) como a primeira fase da análise fílmica. Para os autores, a segunda parte consiste em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significante de forma a reconstruir um filme ou fragmento.

Tavares, Freitas e Leite (2012) explicam que os filmes podem apresentar diversos significados e que permitem uma variedade de interpretações. Entretanto, é preciso ter o cuidado de não realizar considerações superficiais e que podem se encaixar prontamente em qualquer outro filme. Dessa forma, a análise fílmica que é proposta nesse estudo aborda, descreve e afere de forma aprofundada as características da obra cinematográfica escolhida, no que diz respeito ao conflito de classes e relações familiares, realizando uma descrição das cenas, correlacionando-as com os conceitos apresentados no referencial teórico deste estudo.

A partir dos estudos de Alves (2011) pode-se dizer que, no cinema, o filme se encaixa na categoria gênero discursivo, uma vez que é construído em virtude de determinadas funções, como comunicação e entretenimento, bem como condições típicas com estilo, temáticas e composições que levam ao reconhecimento enquanto peça cinematográfica.

Além disso, os resultados discursivos de um filme relacionam-se diretamente a elementos como o contexto, as intenções e as finalidades envolvidas, os padrões de linguagem dos momentos em que é feito e assistido, a posição social dos participantes (autores e público), e também as relações entre esses sujeitos. É possível ainda identificar certo gênero do discurso como filme levando-se em consideração a linguagem audiovisual, o roteiro, a exibição numa sala de cinema, o desempenho dos atores, os cenários e os figurinos, entre outros aspectos (ALVES, 2011).

Martin (1990) afirma que a linguagem cinematográfica se refere ao sistema de elementos expressivos que constituem um filme. Nos termos da teoria semiolinguística, tais elementos são parte do conjunto de códigos semiológicos (linguagem cinematográfica). Dessa forma, sempre que for mencionada a linguagem cinematográfica, o termo está ligado a textos, imagens em movimento, sons, montagem, enquadramento, movimentos de câmera etc.

Para o tratamento dos dados neste estudo foi utilizada a análise do discurso de linha francesa, fundamentada por Patrick Charaudeau em 1983, com esforço de criação de um modelo de múltiplas dimensões para a compreensão da realidade social. A proposta de Charaudeau para a análise do discurso, de acordo com Nogueira (2004):

Define-se em função de um desafio básico: articular as dimensões psicossociológicas envolvidas num ato de linguagem - especialmente, a identidade e os papéis sociais dos interlocutores, as relações sociais em que estão inseridos, os objetivos, as representações e as expectativas dos parceiros - com as dimensões propriamente linguísticas ou languageiras que o caracterizam, ou seja, com as propriedades formais e semânticas do discurso em questão (NOGUEIRA, 2004, p. 02).

Nesse sentido, Dalpino e Bido (2016) entendem que a análise de discurso leva em conta o contexto histórico-social e cultural, coma finalidade de perceber a intenção do sujeito-enunciador e a construção de sentido pretendida em seus enunciados. Assim, a análise do discurso proposta por Patrick Charaudeau será realizada neste artigo com base no filme brasileiro *Que horas ela volta?* e sua história será contada na próxima seção.

QUE HORAS ELA VOLTA?

O filme brasileiro *Que horas ela volta?* foi lançado no ano de 2015 e tem duração de 114 minutos. Classificado como do gênero drama, o filme teve a cineasta Anna Muylaert como responsável pelo roteiro e direção. O elenco principal é composto por Regina Casé, que vive a empregada doméstica Val; a atriz Camila Márdila, como Jéssica, a filha de Val; os atores Karine Teles e Lourenço Mutarelli, que interpretam, respectivamente, Bárbara e Carlos, os proprietários da casa em que Val trabalha; e Michel Joelsas, que atua como Fabinho, o filho do casal.

O filme conta a história da empregada doméstica Val, uma pernambucana que se mudou para São Paulo em busca de uma vida melhor. A personagem decidiu não levar sua filha Jéssica, para se dedicar ao trabalho, enviando dinheiro para sua criação no Pernambuco. Val trabalha há 13 anos na casa do casal Bárbara e Carlos, sendo também a responsável pela criação do filho deles, Fabinho. Dona Bárbara, como é chamada por Val, é uma famosa estilista que sempre esteve muito ocupada e não tinha tempo para cuidar do filho, o que fez com que ele criasse um vínculo afetivo com Val. Carlos é o patriarca da família, artista, mas que vive uma depressão. Fabinho, já rapaz, encontra-se às vésperas do vestibular.

Val recebe uma ligação da filha, que também prestaria o vestibular e pedia o apoio da mãe para ir a São Paulo. Alegre e ao mesmo tempo apreensiva, uma vez que havia passado 10 anos sem ver a filha, Val se prepara a vinda de Jéssica, apoiada pelos patrões. Entretanto, com a chegada de Jéssica, a rotina da casa muda completamente e a convivência se torna difícil. Jéssica se nega a agir conforme o comportamento da mãe de ser sempre submissa aos patrões, gerando tensão dentro da casa. A personalidade de Jéssica e a maneira como ela se comportava na casa e diante dos patrões incomodava muito a mãe, que achava que a filha “não se colocava em seu lugar”, como filha da empregada.

Antes da realização do vestibular, Val e Jéssica desencadeiam uma discussão que resulta na saída da filha da casa de Bárbara. Por ter saído com pressa após o desentendimento, a garota acaba esquecendo um livro no quarto onde estudava, e é nesse momento que Val descobre a foto de uma criança dentro do material. Somente quando tem a coragem de confrontar a filha que a protagonista descobre que tem um neto e que o mesmo ficou em outro estado para que a mãe tentasse a sorte na cidade grande: é a história de sua vida que se repete.

Ao final do filme, após a partida de Fabinho, Val começa a ter outra visão sobre os acontecimentos e decide pedir demissão. A partir de então, vai ao encontro da filha e pede a ela que traga o filho para São Paulo, pois cuidaria dele enquanto Jéssica realizaria seu sonho de fazer o curso de arquitetura.

Além de cenas que retratam a rotina e as condições de trabalho que uma empregada doméstica enfrenta para conseguir uma vida melhor na maior cidade do país, o filme foca na abordagem de dois aspectos muito presentes na jornada das domésticas: conflitos de classe e relações familiares.

ANÁLISE FÍLMICA

Análise fílmica será realizada a partir de cinco cenas do filme *Que horas ela volta?*, as quais foram divididas em duas categorias: os conflitos de classe e representações familiares. Moura e Gomes (2012) afirmam que o processo de divisão do filme em partes se estabelece a partir do

aprofundamento do roteiro nos aspectos psicológicos dos personagens e, dessa forma, a descrição de cenas ocorre quando a iluminação aparece como elemento valorizador da trama.

Conflitos de classe

Da cozinha para cá ou da cozinha para lá?

Mesmo sendo funcionária da casa, Val é considerada da família, conforme afirma Dona Bárbara em uma das cenas do filme. Servindo Dona Bárbara e José Carlos desde a época em que Fabinho era criança, sempre foi muito prestativa como empregada e muito carinhosa com o garoto durante os 13 anos de serviço na casa. Entretanto, em diversos momentos são retratados os conflitos de classe entre os personagens, sendo possível identificar a submissão de Val em várias cenas.

O comportamento submisso de Val durante praticamente todo o filme, é consequência da sua representação social como empregada doméstica naquela casa. De acordo com Sêga (2000) a representação é a posição que as pessoas ocupam na sociedade. No caso de Val, o lugar de uma empregada doméstica é servindo os patrões sem fazer questionamentos, principalmente no que diz respeito ao comportamento deles. Verifica-se que Val tem certeza de que sua conduta é a correta e é consciente quanto à relação de poder estabelecida entre ela e os patrões.

Jéssica, por outro lado, tem uma visão diferente quanto à forma como a mãe é tratada. Para ela, essa maneira não é correta e Val precisa se posicionar diante de determinadas situações. Levando em consideração a primeira perspectiva sobre as representações sociais de Spink (1993), nota-se que a representação social da filha é diferente, pois esta percebe a mãe como um indivíduo na sociedade e a considera um agente livre.

Uma cena que ilustra claramente o assunto levantado é a ocasião em que, após flagrar Jéssica tomando o sorvete de Fabinho, a patroa Bárbara pede para que Val não deixe que sua filha passe pela porta da cozinha, limitando assim sua relação com os demais membros da família e impedindo que “perturbe” o equilíbrio que existia antes da chegada de Jéssica. Nessa cena, fica clara a representação dos papéis dos sujeitos na sociedade: Bárbara afirma que Jéssica só pode ficar “da cozinha para lá”, enquanto Val confirma dizendo “da cozinha para cá”. Percebe-se que o lugar de Val na casa está condicionado apenas da cozinha até o seu quartinho de empregada. Essa cena se passa à noite na sala da família, com o som de trovões e chuva ao fundo. O *close* da câmera mostra a patroa à frente e a Val atrás se explicando e desculpando.

Quando Val discute com Jéssica sobre a separação do sorvete delas e do sorvete *gourmet* de Fabinho, chega a afirmar “tem coisa que não se ensina; a gente nasce sabendo”. Essa fala de Val pode ser associada à afirmação de Cirino e Braga (2016) de que muitas das representações e noções de realidade já estão internalizadas antes mesmo do nascimento do sujeito, sendo assim repassadas a eles de forma legitimada. Na visão de Val, o empregado deve saber qual é o seu lugar e seria um atrevimento tentar ultrapassar os limites impostos a ele. Nessa situação, a separação do sorvete pode parecer algo simples, porém simboliza, na verdade, a separação de classes.

Em cenas como essa, é possível perceber o conformismo da personagem da Val sobre sua posição na família, sobre sua representação social, já que após a chegada da filha, a personagem repete frases como: “onde já se viu filha de empregada na mesa com o patrão?”, sempre repreendendo a filha sobre suas atitudes: “não vá olhando para essa piscina não, Jéssica”. Esse tipo de comportamento, além de revelar efeitos da separação de classes, evidenciam também os conflitos que podem surgir das relações familiares.

Presente de aniversário

Outra cena em que o conflito de classes é percebido ocorre no dia do aniversário da Dona Bárbara, quando Val a presenteia com um jogo de xícaras para café. Fica bastante claro o carinho de Val para com a patroa que justifica o presente como “o que mais saía na loja”. Já Bárbara, muito ocupada, disfarça e diz que usará o jogo em ocasiões especiais.

À noite, na festa do aniversário da patroa, Val trabalha servindo os convidados. Nessa cena, a câmera vai acompanhando a empregada por toda a festa, ao som de Águas de Março, de Tom Jobim, ao fundo. Percebe-se que ninguém na festa realmente enxerga Val, apenas Fabinho e seus amigos. Como afirma Moscovici (1973), a representação social define uma ordem que norteia o indivíduo em seu mundo material e social, e o conjunto de ideias e práticas por ele representado é mutuamente aceito no sistema simbólico em que se insere. Assim, o fato de Val não ser notada pelos convidados revela a sua representação (naturalmente aceita) naquele grupo, no qual o seu papel social era se portar como uma empregada cuja única função era servir.

Na cena seguinte, na hora do café na festa, Val prepara o jogo de xícaras que presenteou a patroa e sai para servir os convidados. Cerca de cinco segundos depois, volta a Dona Bárbara com ela solicitando que o jogo utilizado deveria ser o que a patroa tinha comprado na Suécia. Nessa cena, percebe-se a inocência de Val em achar que a ocasião especial em que o jogo de xícaras poderia ser usado no aniversário da patroa, na presença de várias pessoas da mesma classe social dos patrões. Isso porque ela acreditava que o presente era o mais refinado da loja. Mais uma vez, nota-se a representação social de Val como empregada doméstica. O presente da empregada representava algo que não se encaixava nos padrões representados por aquele grupo de pessoas que estavam na festa.

Escolha da faculdade

O conflito de classe é reforçado na cena em que Jéssica é apresentada aos patrões de Val. Quando perguntam à menina qual curso ela gostaria de fazer e onde prestaria vestibular, Jéssica responde que prestará vestibular para arquitetura na FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo. Dona Bárbara não consegue esconder seu espanto e diz que o curso é muito concorrido naquela faculdade e que o vestibular é muito difícil. Longe de Val e Jéssica, Dona Bárbara chega a usar a expressão “tadinha” para se referir ao sonho da garota, mesmo com a grande confiança demonstrada por Jéssica. No pensamento da patroa, a filha da empregada não teria condições de passar em um vestibular tão concorrido, pois ela não acredita na ascensão das classes mais baixas. Já seu filho Fabinho, que teve todo o suporte para prestar vestibular, tinha chances verdadeiras de sucesso.

Nesse momento, percebe-se aplicação do conceito de representação social de Moscovici (1961/2012), já que Dona Bárbara não consegue entender por que a filha da empregada pensa em tentar uma vaga em um vestibular tão concorrido. É o sistema de valores e ideias da patroa pensando Jéssica como parte de um grupo social que não pertence à realidade de uma universidade como a USP.

Relações Familiares

Mãe é quem cria!

A trama mostra dois núcleos familiares. O primeiro formado por Bárbara, José Carlos e Fabinho, tendo Val como agregada da família, mas somente nas situações relacionadas ao seu serviço como doméstica da casa e cuidados com o filho do patrão. Nesse núcleo vê-se a distância entre os envolvidos: Bárbara, estilista famosa, preocupada com dinheiro, aparência e seu trabalho; José Carlos, ex-pintor artístico que, apesar de ser o dono do dinheiro da família, vive uma depressão profunda; e Fabinho, filho do casal, mas criado por Val e prestes a realizar o vestibular. Verifica-se que esse primeiro núcleo é a representação da família de classe alta brasileira: a família mora no bairro Morumbi, zona nobre de São Paulo, e possui uma gama de empregados para cuidar dos serviços da casa, entre eles: a faxineira, o motorista, o jardineiro e o cuidador da piscina.

No que tange ao personagem Fabinho, percebe-se a aplicação do conceito de socialização primária de Berger e Luckmann (2004). A socialização primária do menino tem forte influência de Val, pois o fato dos pais transferirem os cuidados do menino para a empregada, fez com que ela se tornar-se sua referência inicial. Dessa forma, Fabinho foi transformado pela sua realidade social em suas relações interpessoais com a sua família e principalmente com a sua relação com a Val. Observa-se que o menino mesmo depois de crescido, dorme com a empregada e sente por ela o carinho que deveria ter por sua mãe biológica. Nota-se também essa relação na cena em que Fabinho procura consolo em Val ao descobrir que não passou no vestibular.

O segundo núcleo é formado por Val e Jéssica. A relação das duas é marcada por ressentimentos e conflitos. Val, representação dos nordestinos que migraram para São Paulo com objetivo de uma vida melhor, deixou a filha em Pernambuco e enviava dinheiro para a sua criação. A trama não explica, mas percebe-se algum conflito entre Val e o pai de Jéssica, sendo um dos motivos da empregada ter ido para São Paulo buscar emprego. Entretanto, mesmo com todo o amor que Val tem pela filha e com toda a batalha por condições melhores de vida, Jéssica faz questão de dirigir-se a mãe pelo nome para demonstrar seu ressentimento.

A socialização primária de Jéssica não teve Val como referência, já que a menina foi criada por outra pessoa. Assim, claramente observa-se o problema fundamental entre as socializações primária e secundária mencionada por Berger e Luckmann (2004). Nesse caso, verifica-se a sobreposição da socialização primária (pela pessoa que criou a Jéssica) pela secundária (tentativa da Val em fazê-la aceitar seu lugar de filha de empregada) de Jéssica.

De acordo com Berger e Luckmann (2004), tal sobreposição pode ser explicada a partir da tendência que existe por parte do indivíduo de persistir na realidade primária interiorizada, ou seja, como a personalidade de Jéssica já está formada e sua concepção de mundo já está interiorizada, ela enfrenta dificuldades para aceitar mudanças. Essa dificuldade cria conflitos

constantes com a mãe, que tenta convencer a filha de seu papel dentro da casa de Dona Bárbara, que é apenas a de filha da empregada.

Esses conflitos acabam extrapolando a relação familiar entre as duas. Dona Bárbara também não aceita o comportamento de Jéssica e, por isso, começa a colocar barreiras na relação da filha da empregada com os demais membros da família. Diante da submissão e a falta de visão crítica de Val, mãe e filha acabam se afastando. Por não concordar com o posicionamento da mãe diante de situações consideradas por Jéssica como abuso de poder e falta de respeito em relação aos 13 anos de serviço prestados à família de Dona Bárbara, podemos afirmar que Jéssica não se enxerga e não enxerga a mãe como inferiores em razão da posição social, deixando transparecer sua insatisfação com o tratamento recebido por elas. O filme busca trabalhar a confrontação de Jéssica com a separação de classe em diversos momentos, sendo possível encontrar algumas cenas de confronto mais sutis e outras mais agressivas.

Val é vovó!

Por fim, a última cena escolhida para abordar a relação familiar entre Val e Jéssica é marcada pela descoberta de Val sobre o passado da filha, que já é mãe de um menino. Essa descoberta faz com que Val questione todo o suporte que deixou de dar a sua filha e a falta de confiança de Jéssica nela, visto que nunca lhe contou sobre o neto e ainda o deixou em sua cidade para tentar a sorte na cidade grande, o mesmo feito de Val. É nesse momento que Val aproveita a ida de Fabinho para um intercâmbio e toma a decisão de pedir demissão. Logo em seguida, ela manda a filha providenciar a vinda do neto para São Paulo, para que ela possa cuidar dele enquanto Jéssica faz o curso que sempre sonhou em fazer.

Berger e Luckmann (2004) também abordam a socialização a partir da aquisição de conhecimento por meio de novas interações. No caso do filme, essa socialização é percebida nas mudanças que ocorreram na vida de Val quando ela reencontra a filha após 10 anos sem se verem. A socialização secundária da empregada foi influenciada por Jéssica, principalmente após a descoberta do neto, fato que desencadeou o final da história.

As últimas cenas são marcadas pela transformação do comportamento de Val, que pediu demissão para dedicar seu tempo à filha e ao neto. Essa mudança de comportamento também fez com que seu posicionamento diante da sociedade mudasse: após 13 anos trabalhando na mesma casa sem poder usufruir da piscina, a empregada criou coragem para entrar na piscina dos patrões, contrariando a postura adotada por ela anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as representações sociais e as socializações da empregada doméstica brasileira com base no filme *Que horas ela volta?*. Cinco cenas do filme foram analisadas e relacionadas aos conceitos trabalhados no referencial teórico, a partir de duas categorias de análise: conflitos de classe e relações familiares.

Com relação ao primeiro tópico, foram selecionadas para a análise cenas que revelam as posições que cada família ocupa na sociedade. De um lado, Bárbara, Carlos e Fabinho representam uma classe que possui prestígio social, ostenta alto padrão de vida e conquista as melhores oportunidades. De outro, Val e Jéssica simbolizam uma classe social mais baixa que não frequenta ambientes sofisticados e nem possui acesso a uma educação de qualidade. No filme, o choque de realidade é causado pelo fato de Jéssica não aceitar essa realidade imposta à sua classe, provocando assim inúmeros conflitos com a mãe e com a Dona Bárbara durante o tempo em que convive com os patrões. Observou-se ao longo do filme a representação social de uma família com um nível social alto que possui prestígios e vários empregados à disposição e a representação social de uma família de nível social baixo, repleta de dificuldades, tendo que abandonar a filha em outro estado para ter uma melhor condição de vida na cidade grande.

A segunda questão levantada para análise das cenas diz respeito às relações familiares, abordadas com base nos fundamentos de socialização primária e secundária. Em ambos os núcleos familiares, a socialização primária dos filhos ocorreu sem a participação direta da mãe, uma vez que Fabinho e Jéssica cresceram sob os cuidados de outras pessoas. A chegada de Jéssica deu início a um tipo de socialização secundária, pois ela se inseriu em um espaço diferente e começou a estabelecer novas interações, principalmente com sua mãe. Contudo, frente à realidade primária já interiorizada de todos os envolvidos, a convivência se tornou difícil nesse novo ambiente. Porém, apesar da tendência de persistir a realidade primária interiorizada no lugar da realidade secundária, conforme abordam Berger e Luckmann (2004), Val, ao final do filme, mostrou uma transformação e permitiu que a realidade da filha modificasse a sua realidade.

O filme *Que horas ela volta?* é um exemplo para explicar as reflexões sobre os conflitos de classe e as relações familiares. Tudo isso no sentido de evidenciar como as representações sociais do sujeito e as construções sociais da realidade não se restringem ao mundo das empregadas domésticas, criticando as desigualdades da sociedade brasileira. A pesquisa realizada, além de elucidar os temas a que se propõe, deixa claro como a metodologia de análise fílmica pode ser aplicada como uma forma alternativa de estimular o entendimento de diferentes temas.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P; OLIVEIRA, D. C. *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: Ed. AB, 1998.
- ALMEIDA, G. J. As representações sociais: o imaginário e a construção social da realidade. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (Org.). *Diálogos com a teoria das representações social*. Recife: UFPE, 2005. p. 39-76.
- ALMEIDA, P. A.; ALVES, J. E. D.; SILVA, J. J. Cinema, Antropologia e Demografia: trabalho doméstico, gênero, geração e relações familiares em *Que horas ela volta?* e *Como se fosse da família?*. In: *30ª Reunião Brasileira de Antropologia*, João Pessoa: ago. 2016.
- ALVES, C. A. *Dimensões argumentativas do discurso fílmico: projeções retóricas na tela do cinema*. 2011. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cad. Pesqui.* [online], n.117, p.127-147, 2002.

BERGUER, P. L.; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade: Tratado de sociologia do conhecimento.* Trad. Floriano Fernandes, 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. *A construção social da realidade.* 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRAGA, C.F.; CIRINO, J. A. (Orgs.) *Representações sociais e comunicação: diálogos em construção.* Goiânia: UFG/FIC/PPGCOM: 2015.

CHARAUDEAU, P. *Langageet Discours.* Paris: Hachette, 1983.

CODATO, H. Cinema e Representações Sociais: alguns diálogos possíveis. *Verso e Reverso*, São Paulo, XXIX(55), p. 47-56, jan./abr, 2010.

DALPINO, M. R. BIDO, D. S. Dizeres simbólicos e práticos: um estudo da aprendizagem informal nas relações e discursos de operadores em um *call center*. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, 2016.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, D. M. M.; CAMINHA, T. O discurso cinematográfico na representação social e simbólica: Frankenstein e Prometeu. *Recorte*, vol. 10, n. 2, 2013.

GONZÁLEZ REY, F. *Sujeito e Subjetividade.* São Paulo: Tomson, 2003.

GOODWIN, R.; KWIATKOWSKA, A.; REALO, A.; KOZLOVA, A.; LUU, L. A. N.; NIZHARADZE, G. Social representations of HIV/Aids in five Central European and Eastern European countries: A multidimensional analysis. *AidsCare*, v. 16, n.6, p. 669-680, 2004.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. Introdução. In: GUARESHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.) *Textos em Representações Sociais.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. *Physis: Revista de Saúde Coletiva.* 1:23-36, 1991.

JAHODA, M. Verbete Socialização. In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

JODELET, D. Representations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Org.) *Les Representations Sociales.* Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica.* São Paulo: Brasiliense, 1990.

MEDEIROS, T.J.; BARHAM, E.J.; AGUIAR, J.C.D.; Entre o conflito e o equilíbrio: revisão de literatura sobre a conciliação trabalho-família. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, 2016.

MENDONÇA, A. P.; LIMA, M. E. O. Representações sociais e cognição social. *Psicologia e Saber Social*, 3(2), p. 191-206, 2014.

MOSCOVICI, S. Foreword. In: HERZLICH, C. *Health and illness: a social psychological analysis*. London: Academic Press, 1973.

MOSCOVICI, S. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Tradução de Sônia Furhmann. Coleção Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 1961/2012.

_____. Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, v. 18, p. 211-250, 1988.

_____. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, V.; GOMES, B. Análise da iluminação do filme O Palhaço. *Intercom*, Fortaleza, 2012.

NOGUEIRA, C. M. M. Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charaudeau. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 6, n. 1, Belo Horizonte, 2004.

OLIVEIRA, M. S.B.S Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici *Rev. bras.Ci. Soc.* v.19, n.55, São Paulo, jun. 2004.

PACHECO, J. G. *Representações sociais da loucura e práticas sociais: o desafio cotidiano da desinstitucionalização*. Universidade de Brasília, Brasília 2011.

PEREIRA NETO, M. L.; ADOUE, S. B. A ação traz a esperança: se ela não volta, vá buscá-la. Análise do filme " Que horas ela volta?" e do clipe Boa Esperança. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 16, n. 180, p. 18-25, 2016.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. p. 19-45. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SÊGA, R. A. O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90*, n.13, Porto Alegre, jul. 2000.

SPINK, M. J. P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Cad. Saúde Públ.* 9 (3), p.300-308, Rio de Janeiro, jul/set. 1993.

TAVARES, C. A. P.; FREITAS, A. D. C.; LEITE, N. R. P. “Um time, um país” – Um estudo sobre a eficácia da liderança à luz da Análise Fílmica de *Invictus*. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, 2012.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1994.

ZAGO, L. R. F.; Subjetividade: Representação Social da Família. *Revista Eletronica Gestão & Saúde*, v. 4, n. 3, 2013.